

# A ESCOLA PRIMARIA

Revista Mensal

DE

Educação e Ensino

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

## SUMMARIO

—	O Ensino Primario dos Meninos
—	As palavras de um Mestre
PROF. MIGUEL COUTO.....	No Brasil só ha um problema: o da educação do povo.
C. PADILHA.....	Preceitos de hygiene
MESTRE ESCOLA.....	Tres Palavrinhas
OTHELIO REIS.....	Educação do homem e do cidadão
OTHELIO REIS.....	Geographia
SEBASTIANA FIGUEIREDO.....	Arithmetica

Redacção e Administração:

Rua Sete de Setembro, 174

RIO DE JANEIRO

BRASIL

# "A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL"

Sociedade de Seguros sobre a Vida - Sede social; AVENIDA RIO BRANCO, 125 - (Edifício de sua propriedade) - Rio de Janeiro

Relação das apolices sortidas em dinheiro, em vida do segurado - 84º sorteio - 15 de Julho de 1927

- 141.802—Antiocho Pereira—Porto União—Sta. Catharina.  
133.918—Elsa Stegmann Fonseca—Guarakessaba—Paraná.  
172.063—Juarez Oliveira Leal—Capella—Sergipe.  
156.864—Nicolas S. Georgio—Rio Branco—Acre.  
93.486—José de Moraes Corrêa—Parnahyba—Piauí.  
152.340—Fabio Alves Braga—Bagé—Rio Grande do Sul.  
168.642—José da Costa Dourado Filho—S. Luiz—Maranhão.  
119.854—Antonio F. Alves de Magalhaes—Maceió—Alagoas.  
99.926—Euclides Ayres—Fortaleza—Ceará.  
41.893—José B. Carvalho Leite—Barbalha—Idem.  
52.796—Alvaro da Silva Rego—Belém—Pará.  
154.902—José Miguel Bitar—Idem—Idem.  
156.069—Rudolf Stuhr—Itaguassú—Espírito Santo.  
143.288—Orcino Teixeira de Siqueira—S. José do Calçado—Idem.  
152.511—Firmo da Silva Pires—Ituassú—Bahia.  
145.404—João Alkmim—Carinhanha—Idem.  
132.294—Augusto G. de Albuquerque Galvão—Recife—Pern.  
131.517—Manoel Cordeiro de Mello—Catende—Idem.  
136.530—Mariano de Moraes Vasconcellos—Timbauba—Idem.  
149.935—Antonio J. Gonçalves Sobrinho—Recife—Idem.  
133.449—Attiliano Chrysostomo Oliveira Campos—E. do Rio  
162.684—Armando K. C. Albuquerque—Nietheroy—Idem.  
132.123—José Fernandes Carlos—Itaipava—Idem.  
128.350—Rodolpho Francisco da Silva—Hermogenio Silva—Idem.  
166.685—Grinaldo Tinoco Horta—Itaperuna—Idem.  
168.439—Antenor Furtado Vieira—Cataguazes—Minas Geraes  
124.652—Luiz Pereira de Toledo—Itajubá—Idem.  
129.151—Torquato Alves de Almeida—Pará de Minas—Idem.  
116.970—Darcet Rodrigues Batalha—Faria Lemos—Idem.  
147.062—Pedro Teixeira Coimbra—Bello Horizonte—Idem.  
168.885—Zacharias Braz—Uberaba—Idem.  
157.849—Josephino S. de Sta. Rosa—B. Horizonte—Idem.  
169.846—Emiliano Antonio de Souza—Guarará—Idem.  
83.638—Francisco Antonio de Salles—B. Horizonte—Idem.  
157.454—Onofre da Rocha Ferreira—T. do Carangola—Idem.  
140.257—Ernesto S. Pistilli—S. João Nepomuceno—Idem.  
165.759—Manoel Gomes Pereira—Bello Horizonte—Idem.  
160.188—Carlos da Rocha Fernandes—Uberaba—Idem.  
136.865—Antonio de Camerino Guterres—Capital Federal.  
135.033—Candido Azevedo Picalho—Idem.  
124.757—José Piato—Idem.  
171.631—Ibrahim Betros Haddad—Idem.  
166.345—Antonio Marandino—Idem.  
103.066—Fortunato Cruz—Idem.  
155.641—Affonso Leão Parreiras Horta—Idem.  
167.890—Adelino Leite de Vasconcellos—Idem.  
142.460—João Paptista do Espírito Santo—Idem.  
133.174—Alfredo Luiz Greve—Idem.  
86.339—Edgar Negre—Idem.  
149.091—José Pontes—Idem.  
128.948—Ademaro de Lamare—Idem.  
150.950—Marcionillo Lessa—Idem.  
163.703—Antonia Miralla Barnessé—Piza—S. Paulo.  
166.382—Luiz Matarazzo de Ulisse—S. Paulo—Idem.  
113.521—Francisco T. da Silva Telles—Santos—Idem.  
111.848—Joaquim Montenegro—Santos—Idem.  
145.477—Domingos Rodontaro Azeredo—S. Paulo—Idem.  
113.055—Luiz Torres de Oliveira—Idem—Idem.  
164.760—Joseahat Basaglia—Idem—Idem.  
164.918—Francisco Nobrega Barbosa—Idem—Idem.  
164.876—Severino Borges Rodrigues—Piratininga—Idem.  
138.037—Alberto R. Alves—S. José dos Campos—Idem.  
148.849—Ernesto Behrendt—S. Paulo—Idem.  
130.022—Gregorio J. Esteves—Pindamonhangaba—Idem.  
170.365—Antonio Della Paolera—S. Paulo—Idem.  
166.279—Vicente Zagatti—Idem—Idem.  
168.844—Virgilio Brambilla—Idem—Idem.  
155.172—Benedicto Ferreira Alves—Santos—Idem.  
168.852—Manoel Belé—S. Paulo—Idem.  
161.340—Milem Azer Maluf—Idem—Idem.  
135.269—Arduino Bernardi—Monte Alto—Idem.

# A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

Director: ALFREDO C. DE F. ALVIM

ASSIGNATURA

Redacção: RUA 7 DE SETEMBRO, 174

Para o Brasil — Um anno. . . . 10\$000

## SUMMARIO:

—	O Ensino Primario dos Meninos	C. Padilha.....	Preceitos de hygiene
—	As palavras de um Mestre	Mestre Escola.....	Tres palavrinhas
Prof. Miguel Couto...	No Brasil só ha um problema: o da educação do povo.	Othello Reis.....	Educação do homem e do cidadão
		Othello Reis.....	Geographia
		Sebastianã Figueiredo	Arithmetica

## • O Ensino Primario dos Meninos

Numerosas vezes temos ouvido de professores dos cursos secundarios, especialmente do Collegio Pedro II, queixas acerbas a respeito do actual estado mental dos rapazes que se apresentam a fazer os estudos de humanidades. Testemunham todos os professores e tambem os directores dos estabelecimentos, como ainda ha pouco accentuava, em entrevista concedida a um de nossos diarios o Dr. Euclides Roxo, director do Externato daquelle tradicional collegio, a falta de vontade, o espirito de rebeldia não só ás boas maneiras mas tambem á disciplina do estudo, o que faz prevér bem graves consequencias para futuro não remoto.

Ora, um dos factores de falta de preparo elementar indispensavel e ao mesmo tempo da pouca disciplina de estudo é sem duvida o mesmo estagio na escola primaria. Querem os paes, inconscientes do mal que geram nos filhos, que estes alcancem no tempo mais curto os bancos do collegio secundario como depois pretendem a todo transe abreviar o periodo deste para lançal-os ás faculdades. Não ha de ser o exame de admissão, feito com todos os defeitos que os professores reconhecem inherentes a tal genero de provas, que ha de realizar uma sensata e rigorosa triagem dos candidatos aptos a emprender com proveito os estudos de humanidades. Resultado: a invasão dos estabeleci-

mentos secundarios pela turba-multa dos incapazes. Rigores de notas e de exames? Ah! Quem não sabe que tambem no ensino se verifica a verdade daquelle lei de Gresham das finanças, a qual nos ensina que a moeda má expelle a boa? A maioria de maus alumnos acaba por dominar e por obrigar o ensino official a baixar de nivel, com desanimo dos professores conscienciosos, que vêem dolorosamente que estão trabalhando em vão.

Só vemos, para salvar a situação, de accordo com o que pensam numerosos professores a que acima nos referimos, um meio, que desejamos suggerir neste momento, opportuno por ser o da vespera de reformas ansiosamente esperadas e seguramente promettidas, quer do ensino federal, quer do municipal. É a conjugação dos esforços das autoridades

federacs e municipaes no sentido de se tornar obrigatorio o curso primario official para os candidatos aos estabelecimentos secundarios. Seja esse curso effectivamente realizado nas escolas da municipalidade ou dos Estados, ou seja apenas verificado annualmente por taes estabelecimentos, o que é imprescindivel é que os rapazes tenham um estagio de curso seriado primario, antes que lhes seja permitido o ingresso nas escolas secundarias. Actualmente os meninos que se dirigem ao Collegio Pedro II e dos demais estabelecimentos secundarios officiaes ou particulares, tanto

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção — R. 7 de Setembro, 174

do Rio de Janeiro como dos Estados, estão, se apresentam em provas publicas em concurren-  
 na sua grande maioria, em estado e excessi-  
 vo verdor intellectual e todos os pedagogos rencia com os do chamado sexo fraco.  
 concordam que não ha regimen de chauffage  
 que consiga ammadurecel-os. A corrida des-  
 enfreada que desde alguns annos se vem no-  
 tando já está produzindo os fructos damni-  
 nhos que eram de esperar. Vemos desanima-  
 dos os professores dos cursos secundarios e  
 ao mesmo tempo consignamos o naufragio do-  
 loroso dos candidatos do sexo masculino que

A suggestão que abi deixamos apenas  
 esboçada cremos que merece ser tomada em  
 consideração pelos administradores a quem  
 vae incumbir a organização de novos pla-  
 nos de reformas, que ardentemente desejamos  
 sejam para bem da cultura dos jovens, aos  
 quaes amanhã serão entregues os destinos  
 da Patria.

## I — Idéas e factos

### AS PALAVRAS DE UM MESTRE

Temos hoje o grato prazer de publicar as sensatas palavras proferidas pelo illustrado professor Dr. Miguel Couto em recente solennidade na Associação Brasileira de Educação. São conceitos que devem ser seriamente meditados por todos, principalmente pelos paes e pelos administradores a quem incumbe o arduo encargo de velar pela educação da mocidade.

O Brasil precisa de escola! Não teremos assegurada nem mesmo a nossa independencia politica se não conseguirmos formar um povo educado, livre dos grilhões do analfabetismo, não só de analfabetismo primario e integral, mas tambem daquella incultura basica, que se doura com outros falsos titulos, mas que resulta do mau ensino das primeiras letras, da falta de cultura moral, do desamor do trabalho, da descrença dos ideaes nobres, da indisciplina mental e moral.

Só o cuidado decisivo pela educação popular poderá trazer á nação a grande aurora de redempção moral e intellectual, muito mais necessaria do que aquella outra, de uma unica raça, que entre flores celebrámos em 1888. O captiveiro que então se aboliu foi apenas a escravidão material, mas a nação continúa algemada e é necessario despedaçar essas cadeias.

### No Brasil só ha um problema nacional: A educação do povo

Verdade ou lenda, conta Chateaubriand, no *Génie du Christianisme*, que no mosteiro da Trappa, os monges, obrigadós ao mais rigoroso mutismo só o interrompiam para dizer ao se encontrar: pensai na morte, irmãos! Esta formula fria e cortante de desprendimento, ensina na sua rigidez a necessidade de uma consciencia vigilante e pura ante as incertezas da hora extrema. O futuro historiador ha de assignalar que existio tambem no Brasil uma instituição de homens perseverantes e sonhadores, de boa vontade e de má sorte, que se reuniam através do tumulto in-

differente, para exclamar: pensai na educação, patricios! E assim, como a exortação cisterciana, reflectida durante seculos, como um rebão, no silencio dos claustros, talvez se tenha impregnado nas suas paredes esterroadas, mas jamais conseguio traspassal-as, e o que retumba cá fóra é o grito unisono de vida! vida! vida!, numa insoffrida ansia do goso ou não importa, numa soluçada renuncia no soffrimento, assim tambem toda a pré-gação feita neste recinto, com a mesma fé monastica e a «não menos certissima esperanza» perde-se lá fóra, diluida na vozearia de uns e abafada na celeuma dos outros. Comtudo, eu ainda venho repetir hoje, com a mesma unção patriótica dos que me precederam: pensai na educação, brasileiros!

Creio que tal qual aconteceu com

os outros grandes problemas nacionaes — a independencia, a abolição, a republica, que pareciam resistir á mais intensa propaganda, jámais amadurecida, e de surpresa receberam a solução definitiva, assim se dará com o da cultura. Tudo está esclarecido e preparado para o golpe supremo que espera o seu Pedro I, a sua Isabel, o seu Deodoro; o heróe deste heroismo (quem sabe se o estamos vendo bem no alto!) haverá de repetir para o Brasil o grito que aos olhos attonitos dos coévos, como uma mutação em scena aberta, de uma nação ridicularizada e quasi presa fez uma das maiores potencias do mundo. «De hoje em diante não haverá mais no Japão nenhum inculto».

Tão impressivo é o exemplo do famoso imperio do Orienté neste assumpto, que não me venço de recontal-o tranquilizando primeiro o meu problematico auditorio com as seguranças de que não vou recitar o Dai-Nihon-Shi, — nova historia do Japão — em 240 volumes, do principe Mito Kamon, direi apenas, synthetizando, que ha pouco mais de cincoenta annos vivia ainda aquelle paiz em pleno regimen feudal, sob o governo nominativo de um mikado, mas realmente sub-dividido, desde a usurpação shogunal do XII seculo, em casta e seitas dos damyos, dos sumarais, dos clans, dos Kuges, em continuas e ferozes lutas de hegemonia e de esterminio, quando surgio um factó que os havia de congregar todos, aos gritos de Sono-Joi, Kimo-Joi — Veneremos o Imperador, expulsemos os barbaros — **ao redor de um só homem, a quem pas-** quasi divinos. Embora prevenido pelo governo hollandez de que os Estados Unidos estavam convidando as potencias para uma acção conjuncta, desde a intimidadação até ao assalto, que quebrasse o isolamento hermetico do Imperio, foi com um alvoroto panico que o Japão vio chegar ás suas portas a esquadra americana, do Almirante Perry, que se estabeleceu em Shimoda, Nagassaki e Hakodate, seguida logo das de Inglaterra e da Russia; ellas iam ainda em visita amigavel e talvez levassem presentes, mas, os nippões desconfiaram e como os troyanos temeram. Foi o signal da revolta; o exercito unico occu-

pa Iedo que, sob o nome de Tokio, passa a capital, effectua-se a restauração do Meijie. «O termo renascença, escreve Katsouro-Hara, na sua Historia do Japão, vale mais do que o de Restauração para designar o extraordinario acontecimento que faz época na nossa historia. Reconstruimos porém o novo paiz com os mesmos velhos materiaes e a origem de alguns destes se perde na antiguidade a mais longinqua». Do seu lado Hovelaque, inspector geral da Instrucção Publica de França, salienta no seu tão interessante estudo intitulado «Os povos do Extremo-Oriente». «Um drama tragico se passa na alma dos japões com o seu immenso orgulho dez vezes humilhado, deante da força bruta que lhes impõe tratados, deante da civilização detestada a que, inultos, têm de abaixar a cerviz. Domina-os o presagio de que o tempo de que dispõem para a defesa seja terrivelmente curto, e é uma operação cirurgica desesperada que tentam para salvar a existencia. Semelhante revolução tão rapida, tão profunda, regada de tão pouco sangue, tão duradoura nos seus effectos nunca vio em nenhuma civilização».

Apenas coroado, Mutusahito publicou o seu primeiro manifesto, onde se depara esta phrase «cultivai as sciencias e as artes para desenvolver as vossas faculdades e aperfeiçoar os vossos dotes moraes», e depois, como que obedecendo a uma obsessão, decreta em successivos éditos «que o saber seja procurado no mundo inteiro para assegurar a propriedade do Imperio»; «que a instrucção seja disseminada de tal sorte que não reste em nenhuma aldeia uma só familia ignorante, e em nenhuma familia um só membro ignorante, sem distincção de sexo ou de classe»... «que cada pai ou irmão mais velho tem como primeiro dever administrar o ensino aos seus filhos ou irmãos mais moços» ponderando «que o saber é o indispensavel capital para que alguém prospere e se eleve»... «que os que erram sem tecto, arruinados e famintos só chegam a tal extremo por falta de instrucção.»

Ao commentar estes dogmas, verdadeiras revelações olympicas, escreve o Barão Kikuchi «toda a nossa educação civica consiste em saturar os nossos filhos do espirito desse rescripto tão com-

pletamente que elle se torne parte integrante da nossa vida nacional». E' porque a pessoa do Imperador se acha na base deste culto que a «unanimidade dos nipões dedica um respeito supersticioso ao decreto imperial sobre a educação». O proprio Imperador Hirohito, logo ao subir ao throno o anno passado, escreveu na sua proclamação: «O nosso imperial avô, com suprema sabedoria e elevado discernimento, soube dotar o Imperio da sua grandeza maxima, quer do ponto de vista civil, quer do militar. Promoveu nelle todos os meios de um desenvolvimento completo da educação do povo, e levou a cabo todos os aperfeiçoamentos que se faziam necessarios».

Não fiquei, pois, surprehendido quando, ha dois annos, amesendado em mesa japoneza, por occasião da visita de um sabio desse paiz ao nosso, ao afirmar como elogio que a frequencia escolar no Japão era de 98 % fui corrigido pelo mais graduado dos presentes: diga 99 1/2 %.

Emfim o imperador ordenou, todos o cumpriram; para logo multiplicarem-se pelas ilhas e ilhetas do innumeravel Archipelago escolas, institutos, universidades, ao mesmo tempo que se espalhavam pelas nações cultas milhares e milhares de alumnos selectados pelos seus meritos, em busca do saber «onde quer que se encontrasse». Praticamente, pois, no Japão não existe um analphabeto. E por que taes excessos e apuros de sacrificios, em que se raspam as ultimas economias, e tanta ansiedade e tanto afan para este resultado? Porque ali se entendeu que um povo inculto não pôde repelir a invasão do solo patrio pelos cultos, ou, o que é o mesmo, que a incultura do povo é uma desgraça nacional só equivalente a guerra invasiva.

#### A IGNORANGIA REPRESENTA ATRAZO, POBREZA E INFERIORIDADE DE UMA NAÇÃO

Estão todos os historiadores accordes em attribuir o exito mundial do imperio asiatico á educação do povo. Gustavo Le Bon conta no seu admiravel *Le déséquilibre du monde*. «Quando no dia 27 de Maio de 1905 a grande esqua-

dra do imperio russo foi completamente destruida em algumas horas, em Trohshime, pelos encouraçados japonezes, o estupor foi universal; com effeito subitamente se tornava evidente que contra todas as idéas circulantes, o infimo Japão conhecido apenas ha meio seculo, tornara-se uma grande potencia. Aliás, em todas as batalhas anteriores, os russos, comquanto sempre mais numerosos, haviam sido invariavelmente batidos. Perguntando ao então embaixador japonês em Paris, o Sr. Motono, qual a causa dessa superioridade, respondeu-me o eminente homem de Estado: «O desenvolvimento actual da minha Patria é o fructo da educação ministrada ao povo quando um levante o tirou ha pouco do feudalismo. Esta educação intelligentemente escolhida foi orientada para desenvolver tambem as qualidades de character legados por nossos avós».

O celebre e fertil escriptor japonês Kamakami insiste neste conceito no seu livro intitulado «*The real japanese Question*». Ninguem contesta que os japonezes têm no seu paiz uma insaciavel sede de educação, e que para onde emigram levam consigo esta ansia de conhecimentos». Já o inspector da Imмиграção na California Antone Scar observara que «os rendeiros japonezes podem ter a serviço trabalhadores brancos e aproveitar-lhes os filhos nos trabalhos, porém, os seus proprios filhos esses enviam religiosamente ao collegio e nada ha que prevaleça a este dever». E' a mesma observação do publicista Ray Stannard Baker: «Os japonezes em Haway, apaixonados pela educação mandam-os seus filhos para a escola até os verem inteiramente preparados (*thoroughly prepared*)».

Estudando este ponto no capitulo sobre a civilização japoneza do «*Rising Japan*», de 1918, pergunta Sunderland como se comporta o Imperio do Oriente perante o principal sello da civilização— a cultura, para responder logo «Desde muitos annos elle mantém um systema de educação *compulsoria universal*. Todas as crianças de 6 a 14 annos são obrigadas a frequentar a escola». De sorte que quando o professor americano Charles Eliot, presidente da Harvard University, voltou do oriente, onde fôra estudar o systema de educação japoneza, não teve pejo de confessar que «o Japão não só

despende em mais larga escala do que os Estados Unidos os dinheiros publicos em materia de educação, como alcançou neste terreno maior resultado a *higher standard of education than ours*).

Não nega Yone Noguchi, um dos mais abundantes e notaveis escriptores japonezes da actualidade, no «Japan today» que o *progresso estonteante da Allemanha, baseado exclusivamente na educação do povo, foi o primeiro e maior estímulo da actual civilisação japoneza, estribada no mesmo conceito.*

Ora, se com o successo feliz que assombrou o mundo, o Japão imitou a Allemanha, exemplario das virtudes, da cultura em todos os departamentos do saber humano, por que não seguirmos nós o modelo do grande Imperio do Sol Levante? Eu o invoco como uma homenagem devida ao glorioso, extraordinario e admiravel povo, que dos confins da Asia deu ao mundo a mais acabada lição de sabedoria para uso dos governos, estatuinto a previdencia como um méro corollario do dever de conservação e a cultura como o mais poderoso reducto da Patria. E ninguem menos suspeito para a render do que aquelle que não se cança de proclamar, só sentindo não ter voz para ser ouvido, o irremediavel desastre a que está fadado o Brasil, quando os *marús*, nas suas ininterruptas idas e vindas, tiveram despejado toda a sua carga nos seus territorios nippo-brasileiros. Os factos politicos se regem por leis tão fataes como os que governam os de ordem physica, não é preciso nenhuma especie de sherloquismo para antever os dias mais turvos do Brasil, collocado dentro em breve entre as laminas desta alternativa; ou o condominio ignominioso ou a luta, com a victoria do mais forte.

A sentença de Maurus precisa ser ampliada — não só os livros que têm os seus fados são tambem os povos. Entretanto, como se salvou o Japão quando lhe cubiçaram o territorio? Pela educação do povo. Como nos salvaremos nós? Com a cultura do povo, porque da cultura nasce a ambição, da ambição a actividade, da actividade e riqueza, da riqueza multiplicada a fortuna collectiva, e desta a confiança, a força, a durabilidade, a cohesão.

Ha um grupo social que não chega a formar uma raça, nem uma nacionalidade, e só em torno da fé religa os seus membros esparsos pelo universo. Escorraçados de toda parte, como o Ashaverus da lenda, perseguido e martyrizado, elle não só resiste a dezenas de milhares de annos ao anniquillamento, como impõe aos seus perseguidores a submissão de lhe obsecrar a esmola no momento amargo das aperturas. Por que? Porque o judaismo exige o estudo como um preceito religioso e nenhum judeu illetrado se conhece. Se cotejarmos as nações ignorantes e as cultas em igualdade ou proporção de habitantes chegamos fatalmente ao seguinte postulado: «O progresso de um paiz está na razão directa da cultura do povo. Como exemplo: O Brasil representa em população o terço dos Estados Unidos? Metade da Allemanha, e vale a metade? Tanto quanto a França, e vale a França? Comparemos, porém, o proprio Japão antes e depois do edito imperial. Em 1877 o seu commercio, exportação e importação reunidos, era de 50 milhões de yens (cada yen 4\$000 e portanto 200 mil contos), em 1887 era de 96 milhões, em 1897 de 328 milhões, em 1919 de 4 bilhões e 200 milhões de yens, isto é 16 bilhões de contos de réis.

Em 40 annos multiplicou 100 vezes! Hovelaque, de quem aproveito estes dados, não acaba comsigo de exclamar: «E' a primeira vez na historia em que se assiste a semelhante expansão!» A reserva de ouro orçava em 1918 — um bilhão e seiscentos milhões! Os depositos nos bancos de Tokio se elevavam a 756 milhões de yens, ou seja 3 milhões de contos de réis.

Que houve antes e depois da Renascença, para explicar tão prodigioso surto? Não é o mesmo povo insulado sem o auxilio de nenhum outro, com as mesmas virtudes e os mesmos defeitos da sua raça? Que se interpoz então entre uma e outra era? O milagre da educação, só e só.

Não ha, pois, mais rendoso emprego dos dinheiros publicos do que o destinado á cultura, assim, como, a ignorancia representa o primeiro e maior factor do atrazo, da pobreza e da inferioridade de qualquer nação.

O BRASIL ESPERA QUE CADA UM CUMPRA  
O SEU DEVER

A ignorancia é uma calamidade publica como a guerra, a peste, os cataclysmos, e não só uma calamidade, como a maior de todas, porque as outras devastam e passam, como tempestades seguidas de céu bonança: mas a ignorancia é qual o cancer, que tem a volupia da tortura do corroer cellula a cellula, fibra por fibra, inexoravelmente o organismo; dos cataclysmos, das pestes e das guerras se erguem os povos para as benções da paz e do trabalho; na ignorancia se afundam cada vez mais para a subalternidade e a degenerencia. Imaginemos — *quod Deos avertat* — que somos surpreendidos um dia por uma irrupção inimiga. Que faremos? Do nada tudo até eliminá-la do solo sagrado. Por que pois a passividade ante as tremendas consequencias da ignorancia? Ou o Brasil a encara como uma calamidade nacional e lhe acóde com o soccorro immediato ou estará irremediavelmente batido na concurrencia com as nações cultas. A guerra não é somente a guerra; não é somente a que se vê, senão a que se não vê; não é só o ferro e o fogo, mas a subtileza, a argucia, a solapa, o engenho; não é só o escorrer sangue, é muito mais o escorrer humilhação, e eu pergunto se ha maior do que a de não occupar ao lado das outras, pela cultura do povo, a dignidade que seria a sua. Situações destas não comportam o ramerrão das cousas triviaes, nem a tratamento de cataplasmas e mézinhas, — exige o ferro em braza, a que o pae da medicina mandava recorrer quando o medicamento não mais sanava. Barroso precisaria reïçar hoje no alto do mastaréo o signal legendario: *O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever*.

O IMPOSTO SOBRE A RENDA PARA A EDU-  
CAÇÃO NACIONAL

A educação é, porem, uma cousa cara, e na nossa terra com os seus accidentes e a sua extensão, carissima.

Dir-se-hia mesmo acima dos nossos recursos. Eu os formularei não sem temor, a olhar para um e outro lado, ouvindo aqui o primeiro assobio, alli a

recitação em côro da epistola do Horacio:

.....quod medicorum est Pro-  
mittunt medici; tractant fabrilla fabril.

Cuidem os medicos da sua medicina e os obreiros da sua obra.

De nada mais cuido, mas tambem poderia redarguir com aquellas palavras que, no XVIII seculo. Cavalleiro de Oliveira endereçou á Princeza Maria Elizabetha «Agora dirá V. A. que sou doido com as cousas da minha terra. Assim é, Senhora, eu o confesso». E tambem eu: enquanto não apparecer, de diploma em punho, um lidimo bacharel em patriotismo, na pleniposse do seu «monopolio arrogante» como o chamou Fernando de Magalhães, eu a irei servindo na minha profissão... e tambem em todas as loucuras que lhe puder offerecer em holocausto. O me metter agora em finanças é uma dellas; a Patria perdoará porque é mãe; «*Terra-Mater*» foi como escreveu Michelet na Biblia da Humanidade.

Quem acompanhar nas estatisticas de Bulhões Carvalho, as receitas da União na ultima decada alli estudada, de 1914 a 1924, verificará que, salvo as de 1915 e 1921 que tiveram uma insignificante baixa, as outras foram sempre crescendo de anno a anno na seguinte ordem: 447 mil contos, 527, 618, 625, 922, 972, 1.278 e 1.539 mil contos em 1924. Entretanto nunca houve *superavit* e sim *decifit* de centenas de milhares de contos de réis, o que significa que quanto mais contribua o contribuinte ainda mais despense o despendedor.

Não o assignalo por censura, primeiro porque não está nas minhas linhas o papel commodo de censor, e segundo porque se culpas se apurassem haveriamos de conjugar em todas as pessôas e em todos os tempos o verbo penitenciar-se, como do outro, latino, mandou Antonio Vieira. E continuaríamos imitando o Grande Padre: uns porque fazem, outros porque consentem; uns porque pedem, outros porque attendem; uns porque têm fome, outros têm preganhas; os sem trabalho e os com preguiça; os innocentes e os piratas; os de cima e os de baixo cada um com a



sua parte na responsabilidade de uma situação que obriga a este pedir e estampar de dinheiro, como o mais facil manancial de um reservatorio onde têm todos de beber.

A minha apostilha ao orçamento pretende apenas justificar uma proposta que dirigirei daqui a pouco á mesa, precedida do seguinte raciocinio: Já vinha subindo sempre a receita publica, a tal ponto que a do ultimo anno do decenio alcançou quasi o quadruplo da do primeiro, tanto quanto a differença que vai de 423 a 1.539 quando surgiu e imposto da renda que, tarde chegado o produzindo então uma ninharia, em nada cooperou para este enorme accrescimo. Bastava ser novo para ser antipathico e combatido, porfiando os pagantes — os mesmos tresentos de Gedeão em escapar-lhe pelas malhas.

Ora, se e presupposto como chamam os hespanhões ao orçamento e assim já o denominaram os nossos maiores passou sem esta contribuição, claro está que poderá dispensal-a, parecendo até logico que o remedio para o equilibrio das duas columnas, de que se compõe, não está tanto em augmental-a na do haver se não em diminuil-a na do deve.

Este imposto novo que, repito, não faz falta até agora, eu o queria pedir todo, todinho, integralmente para a educação. Não discuto, porque não sei, a sua plausibilidade, a sua equidade nem muito menos a constitucionalidade; affirmo, porém, que applicado tão sómente ao combate de uma calamidade publica encontraria decisivo apoio do povo. Asseverou-me o Dr. Souza Reis, encarregado do doloroso dever de presidir á arrecadação de um imposto até este momento de tanta repulsa, que a estimativa menos favoravel do seu rendimento nos annos proximos será de 140 a 150 mil contos.

#### OS IMPOSTOS SOBRE AS BEBIDAS ALCOOLICAS

Peço tambem para a instrucção e a saude publica do povo a totalidade dos impostos sobre bebidas alcoolicas. Já Belisario Penna, que é um dos homens mais uteis do Brasil, benedictino

e soldado, apóstolo e lutador, demonstrara na Academia de Medicina a necessidade de uma mais forte taxação do alcool. O alcool é o maior agente de degeneração do individuo e da raça; a todos os tecidos ataca e a todos degenera; mas se um aparelho da economia se tivesse de designar como o preferido para as suas devastações, seria o systema nervoso — desde o delirio agudo da embriaguez até o *delirium tremens* e a demencia alcoolica. Dahi resulta que o alcoolatra não tem caracter no sentido philosophico da expressão; caracter é a consciencia a espreita e o alcool tira a consciencia, tanto que é em medicina legal uma dirimente ou uma aggravante; caracter é a substancia mesma de cada um e o alcool a dissolve; caracter é o aço da criatura que a torna sempre igual a si mesma em qualquer situação e o alcool transforma em cera inconsistente e amoldavel. A progenie dos alcoolicos é uma progenie de alcoolicos, com os estigmas de degeneração psychica e somatica, a germinar a seu turno degenerados de toda a sorte. É a familia alcoolica dos beberrões, com os seus epilepticos, imbecis, loucos, deformados e monstros. A beberronia dos paes prolonga-se nos filhos através do ovulo; paes bebedos, filhos beberrazes, netos criminosos, nas suas representações sociaes — a amoralidade, a malignidade, a brutalidade, a perversidade, a instabilidade, a vagabundagem, as impulsões ao roubo, ao incendio, ás fugas, ao homicidio, ao suicidio; e ainda como corollario a pobreza, a fome, os maus tratos, a indifferença, o desaceio, a super mortalidade infantil. Na estatistica de Legrainoebrs 761 individuos da descendencia ethylica numeram-se 322 degenerados, 121 epilepticos e 155 loucos.

Comprehende-se, pois, que a venda de um agente desta natureza, inimigo inexoravel da especie, destruidor no homem de suas energias physicas e de suas faculdades superiores, dissolvente do lar e da prole fosse cercado das derradeiras barreiras até as raias da prohibição, já aconselhada pela Academia de Medicina; nem ao menos é o toxico elegante só ao alcance das bolsas fortes dos ricos — ao contrario é o vicio desagante propiciado ao pobre pelo seu

infimo preço. Arma-se cada pharmaceutico em guarda civil para impedir a sahida de um x de morphina ou cocaina e protege-se o alcool de tal fórma que em cada esquina de rua ha uma casa para exploral-o e por todas as estradas do Brasil nem se contam.

Sobre cada pipa de aguardente, nas suas multiplas alcunhas de guerra, desde engenhoca a paraty, o retalhista ganha como um agiota. Imagine-se que, contendo 480 litros ella é adquirida por 430\$000, o que dá para cada litro o custo de 900 réis; dividido para a venda avulsa em calices de 25 grammas a 100 réis, cada litro enche 40 calices e fornece 4\$000; isto quer dizer, dá o lucro de 3\$100 em litro e 1:480\$000 em pipa, superior a 300 %!

E' certo que a producção da aguardente vem diminuindo á medida que augmenta a do alcool; assim em 1922-23, para um total de 152 trilhões de litros de aguardente houve apenas 12 milhões de alcool; ao passo que em 1925-26 já a proporção era de 83 milhões de aguardente para 18 milhões de alcool. Se o ridiculo imposto de 300 réis, passasse a 1\$000 por litro de aguardente, o que ainda proporcionaria ao protegido vendedor de um toxico condemnado um lucro de 100 %, o producto desta verba se elevaria a 83 mil contos de réis annuaes. Parallelamente seriam baixadas todas as taxações do alcool desnaturado para o emprego industrial.

Estas duas verbas, — imposto de consumo das bebidas alcoolicas e imposto da renda addicionadas, attingiriam cerca de 200 mil contos annuaes, com que a União começaria a affrontar o seu dever no magno problema. Em 1925 o subsidio dos Estados para a instrucção foi de 91 mil contos, dos quaes só de São Paulo, 46, e o das municipalidades 21 mil. Ao todo 300 mil contos,

aproximadamente, commutatorio que pode parecer enorme e ainda não é nem o necessário. Vinte por cento são a porcentagem minima que, dos dinheiros que o povo entrega aos governos para os serviços publicos, lhe deve reverter em cultura, aquella importancia não os representa.

Se o Presidente Washington Luis, com a mesma autoridade e o mesmo poder, quizesse reeditar, para a sua gloria

e a nossa, a façanha historica que immortalizou o Imperador Mutuzahito e o fez o maior homem da sua Patria em todos os tempos, onde estaria o Brasil daqui a duas ou tres decadas, quando as gerações actuaes em idade escolar e as seguintes tiverem chegado á plena mocidade, com a sua educação intellectual e physica no nivel proporcionado pela pedagogia moderna na plenitude dos seus processos? quando a instrucção secundaria, superior e profissional tiverem adquirido de maior em maior desenvolvimento em virtude do principio de que — a cultura chama a cultura? — quando a hygiene, parallelamente ao ensino, penetrando por todo o paiz, tiver reintegrado no seu indice normal de robustez toda essa gente reduzida pela vérmina a meio-homem, a a um terço de homem, a um quarto de homem? quando a manufactura das materias primas nacionaes — o ferro, o manganez, a borracha, o cacáo, o algodão, o fumo, a lã, tiverem alcançado o maximo do seu rendimento economico? quando a selecção dos valores nos diversos ramos de trabalho se fizer sobre a totalidade dos nossos patricios? a abundancia, a superabundancia decorrente, tanto na fortuna publica como na particular, terá remido, como na Allemanha, como no Japão, como nos Estados Unidos, as grandes necessidades materiaes relegadas sempre, pela penuria, para o eterno amanhã. Será o Brasil unido de Norte a Sul por linhas ferreas, prolongadas até ao Paraguay e á Bolivia e por ellas e estradas carroçaveis, cortado em todos os sentidos, a exploração das nossas minas em poderosos fornos siderurgicos nos collocará numa situação de euphoria economica; estarão adquiridos, os teremos fabricado os milheiros de aviões e a centena de submarinos com que, só nos ares e

nas mares, defenderemos o nosso infimissimo littoral, será profusamente semeado nos campos do sul, sem cizania nem moleza, o frumento, remate da nossa Independencia, que só existirá de facto, quando manipularmos as machinas do nosso aço e comeremos o pão do nosso trigo, assim como hoje nos cobrimos com os tecidas do nosso algodão. Ah! Onde estará o Brasil! Onde estará o Brasil!

## A ESCOLA PRIMARIA

Viri a apello indagar se o governo central tem titulos que o autorizem a instituir nos Estados o ensino primario. Emquanto os juriconsultos acertam, eu me contento com a opinião de dous leigos; do Engenheiro Octavio Mangabeira: «Haja embora quem proclame que o Governo Federal é incompetente para intervir no assumpto, não ha como escurecer que a grande maioria senão a quasi totalidade das opiniões a respeito converge para a doutrina de que a nossa Magna Carta, se conferio aos Estados autorização para prover o serviço do ensino elementar, não vedou á União que o fizesse, collaborando, se porventura o entendesse parallelamente com aquelles em prol das populações brasileiras» e a do medico Manoel Bomfim: «E' forçoso criar fortes correntes internas de sentimentos e de idéas, que liguem os nossos destinos, e a base de tudo isto é a escola primaria... Que nos resta fazer se nos queremos conservar como uma nacionalidade unica?

Criar o mais cedo possivel um espirito publico; levar a todos os animos o sentimento de uma patria unica; afinar de um a outro extremo do paiz, o amor do Brasil commum.

E o que está naturalmente indicado para isto, como o mais conforme á nossa situação especial, á nossa divisão politica e á nossa crise social, é desenvolver, unificando e nacionalizando, a escola primaria, questão urgentissima para a Republica e para a Patria».

Da minha parte peço venia para accrescentar, que, se o termo desta controversia, academica e eterna, sobre assumpto de tanta importancia e magnitude depender de outra forma da Constituição, a constituinte que se convocar será obra de patriotismo. Aliás nunca houve um encantamento mais facil de quebrar do que o da sua intangibilidade, que a Ruy Barbosa trancou as portas do Cattete e a um piparote do mesmo Cattete se fez trapo.

## O MINISTERIO DA EDUCAÇÃO

Entretanto, a diffusão do ensino pelo nosso immenso territorio, com 3 habitantes por kilometro quadrado en-

contra obstaculos quasi insuperaveis, para cuja solução não ha nenhum outro paiz que nos sirva de modelo.

Na nossa grande vizinha amiga a Republica Argentina a densidade ainda é menor, mais a Argentina é um taboleiro e o Brasil uma cadeia de montanhas.

Talvez consultasse a nossa modalidade geographica e melhor dividisse as espheras de attribuições o seguinte alvitre: As Camaras Municipaes forneceriam o ensino primario, em curso de oito annos, aos habitantes, em idade escolar, da séde dos respectivos municipios; os Estados nas capitaes e a União em todo o interior, e nos municipios insufficientemente dotados, livre aos Estados e á União erigir o ensino secundario e o superior, onde julgarem dever localizal-os.

Todos os escolhos residem exactamente no papel reservado á União. Como propiciar o ensino a uma população escolar esparsissima.—6 milhões para 9 milhões de kilometros quadrados, em algarismos redondos ou seja na proporção de 1 criança para quasi 2 kilometros quadrados, exigindo a bem dizer um professor ao lado de cada casa? A escola itinerante, ensaiada sem exito na Australia, devendo parar em cada lugar oito annos, de itinerante só teria o nome, sendo que quando continuasse o seu caminho deixaria sem ensino a nova geração escolar que se foi formando nesse trato.

Creio que a União poderia:

I — Disseminar escolas publicas em todos os pequenos centros do interior, villas, villetas, aldeas, aldeolas, estações de linhas ferreas, etc., que reunissem em torno, num raio de meia legua, uma população escolar minima de 40 crianças.

II — Estabelecer em cada Estado, no numero convinavel grandes institutos de Ensino Primario, construidos adrede sob rigorosa direcção de pedagogos e higienistas, e providos de laboratorios e officinas; para elles viriam todas as crianças domiciliadas no interior do paiz, em lugares não servidos por escolas. O Estado passaria a exercer com respeito a essas crianças, durante oito annos, verdadeira tutela e lhes daria, além da manutenção e indu-

mentaria, a instrucção intellectual, physica e profissional: Taes Institutos seriam collocados de preferencia em cima de montanha e extensas areas que permittissem o ensino agricola, segundo o modelo traçado por Arthur Torres; outros consultando a saude das crianças, á ribamar.

No fim daquelle prazo, o governo exonerando se da sua missão paternal, devolveria a cada familia os seus filhos devidamente educados e aptos para ganhar a vida e honrar a Patria nos seus officios.

Para orgam desta função nova do Estado, com as suas innumerables ramificações em todo o Brasil, servindo do centro coordenador de actos e esforços como uma especie de commando unico a que se referia Leon Brunschwig, na sua conferencia de Straburgo, seria criado o ministerio da Educação. Nas grandes nações onde a cultura do povo alcançou o seu escopo e se acha já incorporada na harmonia das cousas, comprehender-se-ia talvez, sem paradoxo a ausencia desse orgam de direcção e eurythmia, como numa orchestra ensaiada a ausencia do regente, entretanto, todas o possuem. Mas, num paiz de analphabetos a inexistencia delle significa o desanimo, a conformação, a indifferença, o ponto final, e a espiritos perversos a suspeita de uma maldade, de um programma de analphabetização utilitaria. Não; isto não é possível. Ensino e hygiene são o mesmo e os nossos patrios mergulhados nos sertões do Brasil não podem permanecer no desamparo dos poderes publicos, no que concerne á saude do corpo, que, na phrase ingleza, é a melhor fortuna, nem quanto á da alma, que os eleva a condições de homens, e os torna uteis a si mesmos e ás gerações futuras. Uma é o capital-força, a outra é o capital-poder. Educação, define James Mill, no seu admiravel artigo da Encyclopædia Britanica, «é a cultura que cada geração dá á que lhe deve succeder, para a tornar capaz de conservar os resultados dos progressos obtidos, e, se possível, de os levar mais longe».

Rogo-vos, minhas senhoras e meus senhores que me perdoeis; esperaveis uma pessima conferencia e sahio ainda

peior — um caderno de contas; esperaveis ao menos, palavras, e sahio uma taboa de logarithmos; sahio, enfim, esta especie de *test* com que vim avaliando a vossa capacidade de resistencia ao somno. Perdoai-me; é que eu quiz tentar a solução mathematica do problema da educação, justamente considerado um áporo, e para tanto tive de elgolfar-me na região dos numeros, e ir até ao Extremo Oriente, onde se encontra o seu documento mais precioso.

Como corollario, proprio á Associação Brasileira da Educação, porventura de accordo com estas idéas, que se dirigisse ao Exmo. Sr. Presidente da Republica e ao Congresso Nacional e solicitasse a sua attenção, e o seu saber para o estudo das seguintes proposições.

I — A União levará o ensino primario e á hygiene a todo o interior do Brasil.

II — E' destinado exclusivamente ao ensino e á hygiene o producto integral do imposto sobre a renda e o do imposto de consumo das bebidas alcoholicas.

III — E' creado o Ministerio de Educação, com dous departamentos: o do ensino e o da hygiene.

*Paragrapho unico* — Nunca, jámais, em tempo algum, sob nenhum pretexto será Ministro da Educação o Dr. Miguel Couto.

PENSAI NA EDUCAÇÃO, BRASILEIROS!

A educação do povo é o nosso primeiro problema nacional; primeiro, porque é o mais urgente; primeiro, porque solve todos os outros; primeiro, porque resolvido, collocará o Brasil a par das nações mais cultas, dando-lhes prosperidade e a segurança; e se assim faz se o primeiro, verdadeiramente se torna o unico.

E' dolorosa esta necessidade de se obter, monotamente, a cada hora, que a maior riqueza de uma nação é o homem, o seu sangue, o seu cerebro, e seus musculos, e que ella está fatalmente, destinada á decadencia, quaesquer que sejam os thezouros que encerra quando o homem que a habita não merece. E' doloroso que em pl

XX seculo, ainda estejamos nesta casa a verrumar idéas e principios que, 400 annos antes de Christo, Platão no seu dialogo com Clinias, achava axiomaticos. «Ao romper do dia, as crianças devem se dirigir á casa dos metes. Assim como os rebanhos, seja de carneiros, seja de outros animaes, não podem dispensar os seus pastores, assim tambem as crianças os seus guias; com esta differença que de todos os animaes é a criança o mais difficil de ser conduzido, tanto mais astuto, mais indocil e mais aggressivo quando traz em si um germen de razão que ainda não é a razão. Forçoso, pois, applicar as crianças ás letras desde a idade de 10 annos, durante, pelo menos tres annos». Aristoteles, o discipulo maior do que o mestre, dirigio esta especie de aviso a todos os povos imprevidentes... «Niuguem contestará que a educação deve ser um dos principaes objectos do estudo dos governos, porque todos os Estados que a desprezaram cahiram em ruina».

Vinte tres seculos depois, o chefe da mais prospera nação sobre a face do globo, o Presidente Coolidge, haveria de externar o mesmo conceito, não como a advertencia do estagirita, mas com a serenidade de uma consciencia desempenhada e o mais justo orgulho patriótico: «Não se admire ninguem de ver a America do Norte tranquilla, emquanto o resto do mundo se empolga nas tormentas. Esta gloria a devemos aos nossos collegios e ás nossas universidades!... Não ha grande povo que não possúa grande saber».

Nós tambem somos um grande povo; mas, emquanto não chega a redempção do Brasil pela cultura dos seus filhos, continuemos a gritar para todos os lados, entre alternativas de fé e desalento, anciosamente, pedindo soccorro. Pensei na educação.

## Preceitos de Hygiene

PARA OS ESCOLARES

O Brasil, já vac sendo crença geral, não é o paiz opulento e forte que deveria ser, dadas suas riquezas naturaes.

Ha, na fertilidade do nosso sólo, na variedade de climas que temos, na diversidade e excellencia de productos mineraes, na propria nossa fauna, fontes de inexgotaveis recursos.

E, por que as abandonamos e consentimos que venham estrangeiros explorar-as e auferir os lucros que nos são devidos?

Procure-se a causa desta indifferença dos brasileiros, sobretudo na falta de saúde.

Viaja-se pelo interior, e fica-se admirado de encontrar, em vez do decantado caboclo sadio e forte, o caipira amarello, definhado, preguiçoso e triste. Estranha-se mesmo que os moradores da cidade tenham em geral mais saúde que os habitantes da roça, onde a facilidade relativa de obter bom alimento e a pureza do ar, deveriam dar-lhes maior vitalidade.

A vida na cidade, evidentemente, esgota os individuos e estiola a raça que acabaria por extinguir-se, se não se retemperasse nos elementos sãos que vêm do campo.

Mas, que esperar no Brasil, onde, em geral, os habitantes da roça estão em condições de saúde ainda peiores que os da cidade?

Trabalhando eu na zona rural, isso me impressionou vivamente.

Tres problemas se nos apresentam para solver a situação — sanear o meio, curar os doentes, quando possivel, e educar o povo, incutindo-lhe habitos de hygiene, ensinando-lhe dest'arte a evitar o mal.

E os tres problemas estão de tal modo ligados que, resolver um, abandonando os outros, seria trabalho improficuo; seria encher um tonel sem fundo, aliás já se tem verificado esse facto nos districtos ruraes onde, nos postos de prophylaxia, os mesmos individuos são tratados e curados muitas vezes da mesma molestia pois a falta de condições de hygiene no meio em que vivem, faz com que se contaminem incessantemente.

E' para resolver a terceira parte do problema de saneamento que nós professores, podemos prestar não pequeno concurso.

E a questão de hygiene nas escolas deve ser para nós de interesse tanto

maior, pois, pelos modernos estudos de psychologia, está verificado depender toda vida escolar das crianças, de seu estado physico. Capacidade intellectual, amôr ao estudo, atenção, assiduidade, tudo depende da saude.

Como exigir muito estudo de um alumno cujo organismo não funciona bem?

Precisamos então de velar carinhosamente pelo physico dos nossos discipulos e, para isso, devem ser elles proprios nossos melhores auxiliares, comprehendendo o valor dos cuidados tidos para com o corpo.

O asseio da pelle, do vestuario, das unhas, da cabeça, da boca, etc. devem merecer nossa atenção diaria e sempre que se apresentar uma occasião, deveremos repetir os conselhos dados, pois, pela persistencia, pela acção constante, de todos os dias, muito se poderá obter. A revista deve ser feita logo após a chamada, e todos os dias; seria bom que no horario houvesse tempo marcado para tão util dever. Se depois de aconselhado, o alumno continúa a apparecer na escola pouco asseiado, o professor escreve ao responsavel por elle

chamando sua atenção para esse ponto e, não obtendo resultado, é mandar que a criança volte á casa para vir convenientemente limpa (sempre que possivel, nesse caso fazel-a acompanhar pelo guardiã ou pelo servente) pois quando não se consegue pela persuasão obriga-se pela autoridade para que nell se fórme o habito do asseio; do qual de poi: não poderá prescindir.

E as crianças, assim educadas, levarão ás suas casas o exemplo, reagindo sobre o meio em que vivem.

Como auxiliar das lições que lhe damos nesse sentido, seria vantajoso fixar nas paredes das salas de aula dos corredores de passagem, quadros contendo maximas de hygiene, em linguagem simples, ao alcance de todos, mesmo dos mais pequenos.

A professora commentaria de quando em vez uma das maximas que poderiam servir como exercicio de calligraphia e até de assumpto para redacções nas elasses mais adiantadas.

(Seguem-se as maximas com commentarios).

C. Padilha

**CASA CIRIO**

GRANDE SORTIMENTO DE ARTIGOS  
DENTARIOS

Perfumaria e cutilaria finas  
Importação directa dos Estados Unidos  
e Europa

**JULIO BERTO CIRIO & Comp.**

RUA DO OUVIDOR, 183

END. TELEG. CIRIO  
RIO DE JANEIRO

TELEPHONE N. 1317 NORTE—CAIXA POSTAL N. 15

**UMA PROFISSÃO É A INDEPENDENCIA**

A dactylographia tem dado a independencia a milhares  
— de pessoas, no inicio de sua carreira —

Matriculem-se na Escola Remington á  
rua 7 de Setembro, 67

## II — A Escola

### Tres palavrinhas

**Esmoler** — «O esmoler appareceu morto... Nos fundos de um barracão, á rua dos Romeiros, na estação da Penha, onde costumava pernoitar, amanheceu morto o esmoler F. de tal, de côr preta, com 50 annos presumiveis. Com guia das autoridades do 20º districto, foi o cadaver removido para o Necroterio». Assim dizia a noticia de um vespertino. Deu-me vontade de acrescentar: e com guia do professor de portuguez foi recolhido á secção de orthopedia vocabular o escriba que perpetrou isso... *Esmoler*. dizem todos os dictionarios, é aquelle que distribue esmolos, não o que as recebe. A este chamamos mendigo, pedinte.

Tenho observado que o jornal mal escripto é um dos mais graves elementos de corrupção contemporanea da lingua, principalmente porque ha em muita gente a tendencia incoercivel ao emprego de palavras bonitas e novas, ou pelo menos raras. Esse preciosismo vocabular nem sempre está apto a distinguir o joio do trigo e por isso, desde que vislumbra uma palavrinha não corrente, zás! começa a usal-a. Quiz, pois, levantar desde já o meu protesto contra a innovação que é de todo em todo injustificavel.

**Quilombola** — Pronuncia-se esta palavra com a accentuação tónica na syllaba *bo*. O termo é usual, sobretudo no estudo da Historia do Brasil, onde temos frequentemente de alludir aos *mocambos* ou *quilombos*. Tenho ouvido uma ou outra vez proferir-se erradamente *quilombola*, provavelmente pela confusão com as palavras de origem latina, formadas com o suffixo *ola*, palavras que são frequentes em nossa lingua. Não é, porém, o caso.

**Monstrengo** — Relativamente á palavra *monstrengo*, temos discussão.

Alguem descobriu que os dictionarios não a registam e proclamou logo que é incorrecção. Creio que haja confusão. Moraes, nas primeiras edições, dá: «*Mostrengo*—O vadio, errante, vagabundo». Não regista *Monstrengo*. O Dictionario de Valente, geralmente denominado de Aulete, amplia a significação, de *Monstrengo*, dizendo: «Pessoa mal feita de corpo, gorda e pesada; pessoa desasturada, que para nada tem geito; estafermo; pessoa ociosa, sem modo de vida». A abonação que dá é, porém, apenas para o sentido em que a consignara Moraes. Nem em Bluteau, nem em Fr. Domingos Vieira apparece a indicação correspondente de *Mostrengo* como coisa monstruosa, ser monstruoso.

Quer-me parecer que haja duas palavras: *Monstrengo* e *Mostrengo*. A primeira, formada em nossa propria lingua com o suffixo *engo*, do germanico *ing*, semelhantemente ao que se fez em *realingo*, *solarengo*, *mulherengo*, *podengo*, *avoengo*, *verdoengo*, etc. A segunda é a que registou Moraes e que passa por derivado de *Mostrar*. Quanto a esta, não creio que a etymologia esteja certa e Meyer-Lubke, como faz com o *mostrengo* espanhol, parece ligal-o a *mixtum*.

Por tudo isso, julgo duvidoso que se deva considerar erro o uso da palavra *Monstrengo*. Ao contrario, ella se me affigura muito bem formada.

Quanto a *Mostrengo*, occorre-me o seguinte: Existe em portuguez legitimo a expressão *Cão de mostra*, que se applica a certo perdigueiro. Não seria *Mostrengo* outra denominação do mesmo animal, applicada como insulto ao homem, como é frequente com a palavra *Rafeiro*?

Digam os competentes, entre os quaes não presumo estar, por mais que me envaideçam os conceitos de bondosos correspondentes.

MESTRE-ESCOLA.

### III — Lições e Exercícios

#### Educação do homem e do cidadão

##### MEIOS LEGAES PARA ACQUIÇÃO DO DOMINIO

Como o dominio é um direito, não podemos admittir a sua aquisição senão mediante os tres elementos indispensaveis de todo acto juridico: *o agente capaz, o objecto licito e a forma prescripta*. Quer isto dizer que ha pessoas que não poderão adquirir dominio. São, por exemplo, os definidos em lei como *incapazes*, tanto os absolutamente incapazes, como os relativamente incapazes. Os primeiros podem apenas fazel-o representados por seus paes, tutores ou curadores; os segundos podem adquirir o dominio, se lhes fôr util. Ainda outras pessoas são, pela lei, impedidas ou prohibidas de adquirir certos dominios. Assim, não o podem fazer os tutores, curadores, testamenteiros e administradores, quanto aos bens confiados á sua guarda ou administração. As demais prohibições, assumpto cujo estudo minucioso não nos interessa aqui, vêm, como esta, explicitamente declaradas no Cod. Civil, art. 1133, a que reporto o leitor. São medidas de justificado escrupulo, adoptadas pela lei.

Quanto á condição do *objecto licito*, facilmente se comprehende que a lei não pode amparar a aquisição de dominio de coisas que estão, pela propria lei, fóra de commercio, de coisas que são inalienaveis ou de que ninguem se pode apropriar.

Quanto á *forma prescripta*, trata-se do modo de adquirir. Os diversos modos pelos quaes podemos adquirir os bens estão previstos no Codigo e são o que constitue objecto principal deste artigo elementar de explanação juridica.

Vou, como varias vezes tenho feito, supprimir algumas das palavras technicas, empregadas pelos livros neste ponto, principalmente com o fito de evitar ter de definil-as, o que sempre sobrecarrega o escripto com um aspecto rebarbativo de sebenta para exame de direito.

Podemos tornar-nos senhores pela successão legitima e testamentaria, isto é, herdando de nossos paes ou parentes; recebendo doação por morte de alguem, em virtude de disposição escripta em vida; ou então por meio de casamento, quando este se realiza sob determinados regimens.

Podemos apropriar-nos, tornando-nos então senhores, das coisas «que não têm dono». Mas haverá coisas «sem dono»? Sim, certamente, mas o que sejam está claramente definido na lei. A caça e a pesca entram neste capitulo, pois seu objecto são «animaes bravios, entregues á sua natural liberdade». Tanto a caça como a pesca, porém, para que sejam licitas, para que nos tornem possuidores legaes dos animaes caçados ou pescados, é necessario que se façam de accordo com o prescripto nas leis, pois são devidamente regulamentadas. A leitura dos arts. 593 a 602, a respeito das coisas sem dono, da caça e da pesca, devem ser lidos pelos que desejarem illustrar o espirito com estas noções. Evitamos commental-os aqui porque são muito claros e tambem porque o commentario levaria espaço, que pode ser tomado mais utilmente.

Outro modo importante de adquirir dominio é transformando a coisa ou materia pertencente a outrem, em uma especie nova, ou coisa differente. Assim: Possuo barro e possuo instrumentos de moldar; agindo com meu trabalho, minha intelligencia, minha habilidade, posso tornar-me possuidor de um busto, de uma estatua, de um monumento. Interessante é que em certos casos eu me tornarei legitimo dono, ainda mesmo que a materia inicial não me pertencesse. Tal o caso da tela. Se eu pintar um quadro em tela que não fosse minha, digamos mesmo (só para raciocinar) que eu tivesse furtado, o quadro seria meu... com a obrigação de indemnizar o dono da tela. O mesmo quanto ao papel de escrever. Quer dizer que a lei confere ao escriptor, ao pintor, ao estatuario, etc. um como direito de desapropriar.



ção, permittindo que passem a seu dominio, mediante indemnização: o papel, a tinta, a tela, o barro, que servirão á confecção da obra d'arte, ainda mesmo contra a vontade do primitivo possuidor.

Outro meio de aquisição é o *que nos assegura a lei, por exemplo,* quando, proprietarios que somos de um rio, tornamo-nos senhores das ilhas que nelle se vierem a formar, ou do terreno descoberto por mudança accidental do leito do mesmo rio.

Ainda outro meio, e é o mais geral, consiste na aquisição por compra. A compra e a venda de coisas estão sujeitas a prescripções legaes, para que sejam validas. Meio muito proximo deste, de se transmittir a alguém o dominio, é a doação, que é como a «venda» a titulo gratuito, se assim nos é licito exprimir-nos. A aquisição de immoveis *deve ser, particularmente cercada de garantias.* Por isso mesmo é que os officiaes publicos (tabelliães) têm o máximo cuidado no exame dos documentos relativos á posse da casa ou do terreno, cuja «escriptura» de compra vão lavrar para seus clientes. A negligencia na verificação dos documentos gera sempre, para o futuro, demandas perigosas.

Um ultimo processo de adquirir o dominio é aquelle que traz o nome de *usucapião.* É a prescripção, tambem devidamente regulada pela lei. Um exemplo bastará para se comprehender. Um individuo possui um terreno como seu, embora sem titulo algum. Passados trinta annos, sem interrupção da posse e sem opposição, pode requerer ao Juiz que o declare legitimamente sua propriedade. Se possuir o terreno como seu, de boa-fé e por justo titulo (tendo-o adquirido, por exemplo, de quem se suppunha seu dono e não o era) poderá obter a declaração de legitima propriedade no fim de 20 annos.

Todas as noções que aqui têm sido consignadas, insisto ainda, só o são pela rama. Quero apenas esboçar as questões, pois a natureza deste estudo, dirigido principalmente aos cursos primarios, não comporta minucias e digressões. Demais, para completal-as será facil o trabalho, pela leitura do Código Civil.

OTHELLO REIS

## Geographia

A costa que se segue ao Timonia é em geral mais elevada, e coberta de dunas altas. Parallelamente á ella, estendem-se, proximo, outeiros em séries, que são as proprias dunas consolidadas; e mais para dentro ainda se avistam outras elevações, que são, estas sim, verdadeiras serras, taes como a *Ibiapaba, a Mocuripe e a Uruburetama.* O mar é aqui, junto á costa, bastante profundo. Os principaes accidentes da linha de costa são os seguintes: *ponta Gorda; barra do Camocim, junto á qual está o porto do mesmo nome; ponta do Feijão; enseada, ponta e porto de Jericoaquara; barra do Acarahú, proximo á qual, para dentro, está o porto do mesmo nome; ponta Tapagé, rio Aracati-assú, ponta dos Patos, rio Mundahú e ponta do mesmo nome, rio Curú, ponta Parázinho, cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, e ponta de Mocuripe.* Seguem-se o *rio Pacoti, cidade de Aquiraz, ponta Iguape, rio Choró* com a cidade de *Cascavel,* depois o *rio Pirangi,* e o *rio Jaguaribe,* tendo no estuario, á direita, a cidade de *Aracati;* depois é a larga enseada denominada *bahia do Retiro,* assignalada a Leste pela *ponta Grossa.* Pouco após, avista-se junto ao litoral o *morro Tibau,* onde termina a costa cearense e começa a do Rio Grande do Norte.

Não longe do morro do Tibau achase a barra do *rio Mossoró* ou *Apodi.* A seguir, toma a costa francamente a direcção Oeste-Leste, com a qual vae até a ponta dos *Touros.* Neste trecho é o litoral coberto de dunas, e inçado o mar de bancos de areia e de coral, que correm parallelamente ao litoral. Raros são os nucleos de povoação, sendo esta uma das costas mais desertas do paiz. Abundam ahi as salinas, muitas dellas em franca e rendosa exploração. Encontra-se na barra do *Mossoró* algumas ilhotas e á margem direita do estuario a villa de *Areia branca.* A seguir, vêm as *pontas Redonda e ao Mel;* depois o delta do *rio Assú,* com tres boccas principaes, denominadas *rio das Conchas, rio dos Cavallos e rio Amargoso.* Junto ao delta do *Assú,* na foz do *Amargoso,* desemboca o *rio*

*Salgado*, em cuja confluencia está o importante porto salineiro de *Macau*. A Leste das tres boccas do Assú ha uma ilha, após a qual se abrem duas barras, que prolongam ainda para Leste o delta: a da *Ilha e a Velha*. Logo após, acha-se a *ponta do Tubarão*; depois, uma série de riachos, cujas aguas, represadas pelas areias do mar, formam as *gambôas* denominadas do *Meio, da Agua.Maré, etc.* Vem então a *ponta dos Tres Irmãos ou de Caiçara*, que assignala o inicio do canal de *São Roque*. E' este uma porção do mar, comprehendida entre o continente e o recife costeiro, bastante proximo. Este pequeno trecho da costa, ao contrario do anterior, é bastante povoado, contando-se muitos nucleos de pescadores. Dentro do canal estão a *ponta do Calcanhar*, onde a costa começa a inflectir, o *rio dos Touros* e a *ponta dos Touros*, onde ella muda francamente de direcção. A *ponta do Calcanhar* fica a Oeste, e a dos *Touros* a Leste do pequeno rio.

Ahi termina a primeira grande secção do litoral: a costa do Norte e do Nordeste do Brasil, mas não o litoral do Rio Grande do Norte, que ainda se estende pela segunda secção, como vamos vêr a seguir.

OTHELLO REIS.

## ARITHMETICA

### PROBLEMAS

#### 2º ANNO

I—Paulinho guarneceu de fita as arestas que partem de um vertice de um cubo. Tendo esse cubo  $1^m$  de aresta, quanto gastou em fita, sabendo-se que por  $1^m$  pagou \$800.

*Solução raciocinada*

São 3 as arestas que partem de um vertice do cubo.

Custo dos 3 m. de fita necessarios para guarnecer-as:  $\$800 \times 3 = \$2400$ .

II—Quantas faces tem 6 dados?  
Quantas quinas?

*Solução raciocinada*

Tendo o dado a forma de um cubo, tem 6 faces e 12 quinas ou arestas.

Faces dos 6 dados:  $6 \times 6 = 36$

Quinas:  $12 \times 6 = 72$ .

III—Se eu tomar um parallelepipedo e cortal-o em diagonal, que corpos constituirão os dois pedaços?

*Solução raciocinada*

Todas as faces do parallelepipedo são quadrilateros. Qualquer quadrilatero cortado em diagonal dá 2 triangulos.

Transformadas duas faces, as bases, do parallelepipedo, em triangulo, ficam dois prismas de base triangular.

#### 3º ANNO

I—Dividi um cubo de  $0^m,1$  de aresta em 5 partes iguaes, dando quatro cortes parallelos no sentido de sua altura. Que corpos tenho agora e quaes as suas dimensões?

*Solução raciocinada*

Sendo o corte no sentido da altura, não influe no tamanho da base do cubo que continua sendo um quadrado de  $0^m,1$  de lado.

Altura de um dos 5 corpos resultantes dos quatro cortes:  $0^m,1 \div 5 = 0^m,02$

As medidas dos novos solidos são:  $0^m,1$  de larg.,  $0^m,1$  de comp., e  $0^m,02$  de altura. São prismas de base quadrangular, verdadeiras lages.

II—Tomei um cubo de  $15$  cm. de aresta e cortei-o de alto a baixo no sentido das duas diagonaes da sua base superior. Quantos pedaços ficaram e que corpo constitue cada pedaço?

*Solução raciocinada*

Qualquer face do cubo é um quadrado. Cortado no sentido das duas dia-

gonaes, o quadrado dá quatro triângulos iguaes.

As duas bases desse cubo ficam pois, transformadas em bases triangulares de 4 corpos iguaes, que conservam a mesma altura do cubo. São 4 prismas triangulares.

III—Serrei um cubo de madeira de 0<sup>m</sup>, 12 de aresta dando dois cortes em cruz, de alto a baixo, no centro da base superior. Quantos corpos ficaram, que fórma teem e quaes as suas dimensões?

*Solução raciocinada*

A base do cubo é um quadrado. Dois cortes em cruz, no centro de um quadrado, dividem-no em 4 quadrados perfeitamente iguaes. Os novos corpos são, pois, da mesma altura do cubo mas diferentes nas bases que são menores, porquanto de nma base resultaram 4. Esses 4 corpos são prismas quadrangulares e medem 0<sup>m</sup>, 12 de altura. O lado do quadrado da base corresponde á metade da aresta do cubo:  $0^m, 12 \div 2 = 0^m 06$

4º ANNO

I—Uma sala mede 4<sup>m</sup>, 20 de comprimento. A largura equivale aos 3/4 do comprimento. Quantas boas de 0<sup>m</sup>, 15 de largura serão precisas para assoalhal-a, aproveitando-se o comprimento da taboa no comprimento da sala?

*Solução raciocinada*

$$\text{Largura da sala: } \frac{3}{4} \text{ de } 4^m 20 = \frac{4^m 20 \times 3}{4} = \frac{12^m 60}{4} = 3^m 15$$

Nº de taboas necessarias para, com a sua largura de 0<sup>m</sup>, 15, cobrir a largura de 3<sup>m</sup> 15 da sala:  $3^m 15 \div 0^m 15 = 21$ .

II—Um tapete quadrado de 1<sup>m</sup> 15 de lado foi forrado com fazenda de 0<sup>m</sup>, 75 de largura. Sabendo-se que as costuras e emendas consumiram

0<sup>m</sup>, 15 dessa fazenda, pergunta-se quanto se gastou custando o tecido 4\$800 o metro.

*Solução raciocinada*

$$\text{Superficie do tapete: } (1^m 15)^2 = 1^m 15 \times 1^m 15 = 2^m 25$$

Comprimento do panno necessario para forral-o, sem contar emendas e costuras, sabendo-se que esse panno tem 0<sup>m</sup>, 75 de largura:  $2^m 25 \div 0^m 75 = 3^m$

$$\text{Panno comprado: } 3^m + 0^m 15 = 3^m 15$$

Gasto neste panno a 4\$800 o metro:  $4\$800 \times 3,15 = 15\$120$ , isto é, 15\$200.

III—Um individuo comprou um terreno quadrado de 180<sup>m</sup> de lado. Reservou, no centro do mesmo uma area de 14<sup>m</sup>, 4 por 50<sup>m</sup> para construir a casa e o jardim. Em todo o resto do terreno plantou arvores fructiferas, reservando para cada uma, uma área de 9<sup>m</sup>2. Em media a 5\$000 cada arvore, quanto custaram todas ellas?

*Solução raciocinada*

$$\text{Superficie do terreno: } (180^m)^2 = 180^m \times 180^m = 32.400^m 2$$

$$\text{Area reservada para a casa e o jardim: } 14^m 40 \times 50^m = 720^m 2$$

$$\text{Superficie do pomar: } 32.400^m 2 - 720^m 2 = 31.680^m 2$$

$$\text{Nº de arvores fructiferas, reservados } 9^m 2 \text{ para cada uma: } 31.680^m 2 \div 9^m 2 = 3.520$$

$$\text{Custo das 3.520 arvores, a } 5\$000 \text{ cada uma: } 5\$000 \times 3.520 = 17:600\$000$$

5º ANNO

I—Um triângulo mede 34<sup>m</sup> de altura e 43<sup>m</sup> 32 de base. Qual a altura de um outro triângulo que mede 32<sup>m</sup> 30 de base e cuja superficie equivale aos 5/6 da do primeiro?

*Solução raciocinada*

$$\begin{array}{r} \text{Superficie do 1º triângulo:} \\ 34^m \times 43^m 32 \\ \hline 2 \end{array} = \frac{1472^m 288}{2} = 736^m 244$$

Superfície do 2º. triângulo:  $\frac{5}{6}$  de

$$736,^{m2} 44 = \frac{736,^{m2}44 \times 5}{6} = \frac{3682,^{m2} 20}{6} = 613,^{m2}70$$

Altura do 2º triângulo; conhecidas superfície e base, applicando a formula

$$A = S \div \frac{B}{2} : 613,^{m2}70 \div \frac{32,^{m} 30}{2} = 613,^{m2}70 \div 16,^{m} 15 = 38^m$$

II—Um triângulo rectangulo mede de superfície  $612^{m2}$  e de altura  $30^m 6$ . Qual seria o perimetro do rectangulo de que o mesmo se originou?

*Solução racionada*

O triângulo é a metade de um rectangulo da mesma base e da mesma altura.

Superfície do rectangulo que deu origem a um triângulo de  $612^{m2}$  de superfície:  $612^{m2} \times 2 = 1224^{m2}$

Base do rectangulo (e tambem do triângulo), conhecida a superfície e a altura:  $1224^{m2} \div 30,^m 6 = 40^m$

Perimetro:  $(40^m \times 30,^m 6) 2 = 70,^m 6 \times 2 = 141,^{m2}$

II—Um hexagono regular mede  $4$  cm. de lado e  $4,^{om}6$  no apóthema. Quanto mediria de superfície um outro polygono de que elle representa os  $\frac{3}{4}$ ?

*Solução racionada*

Superfície desse hexagono, metade do perimetro pelo apóthema:  $\frac{0,^m 04 \times 6}{2} \times$

$$\times 0,^m 046 = \frac{0,^m 24}{2} \times 0,^m 046 = 0,^m 12 \times$$

$$\times 0,^m 046 = 0,^{m2}0552.$$

Um quarto da superfície do outro polygono de que esse, com  $0,^{m2}0552$ , representa os  $\frac{3}{4}$ :  $0,^{m2}0552 \div 3 = 0,^{m2}0184$

Superfície integral do 2º polygono, sabendo-se que  $\frac{1}{4}$  corresponde a  $0,^{m2}0184$ :  $0,^{m2}0184 \times 4 = 0,^{m2}0736$

6º ANNO

I—Uma circumferencia cujos  $\frac{5}{9}$  medem  $130,^m 90$  que superfície limita?

*Solução racionada*

Extensão correspondente a  $\frac{1}{9}$  dessa circumferencia:  $\frac{130,^m 90}{5} = 26,^m 18$

Toda circumferencia, representada pela fracção unidade  $\frac{9}{9}$ , mede:  $26,^m 18 \times 9 = 235,^m 62$

Raio do circulo que essa circumferencia limita:  $235,^m 62 \div 2\pi = 235,^m 62 \div 6,2832 = 37,^m 5$

Superfície limitada pela circumferencia em questão:  $(37,^m 5)^2 \pi = (37,^m 5 \times 37,^m 5) 3,1416 = 1406,^{m2}25 \times 3,1416 = 4417,^{m2}8750$

II—Collocando em volta de um panno circular uma renda de  $5\$000$  o metro, gastei  $26\$180$ . Sendo a quarta parte dessa renda gasta em franzido, qual a superfície da fazenda empregada?

*Solução racionada*

Renda empregada no panno:

$$26\$180 \div 5\$000 = 5,^m 236$$

Sendo  $\frac{1}{4}$  da mesma gasta em franzido, correspondem ao perimetro do panno circular os  $\frac{3}{4}$  de  $5,^m 236 =$

$$\frac{5,^m 236 \times 3}{4} = \frac{15,^m 708}{4} = 3,^m 927$$

Diametro do panno:  $3,^m 927 \div \pi = 3,^m 927 \div 3,1416 = 1,^m 25$

Raio:  $1,^m 25 \div 2 = 0,^m 625$

Superfície da fazenda empregada:  $(0,^m 625)^2 \pi = (0,^m 625 \times 0,^m 625) 3,1416 = 0,^{m2}2390625 \times 3,1416 = 1,^{m2}2271875$

III—Uma bordadeira comprou um quadrado de fazenda de  $3600^{cm2}$  do qual cortou um trabalho em octogono. Gastou, em volta desse trabalho  $2,^m 10$  de renda, sendo  $50^{cm}$  para o franzido. Qual a superfície dos triângulos desperdiçados nos cantos, sabendo-se que o apóthema do octogono mede  $0,^m 30$ ?

*Solução racionada*

Perimetro do octogono, sabendo-se que da renda empregada em volta  $50^{cm}$  foram gastos em franzido:

$$2,^m 10 - 0,^m 50 = 1,^m 60.$$

Superfície do trabalho em octogono:  
(meio perimetro vezes o apóthema)

$$\frac{1,^m 60}{2} \times 0,^m 30 = 0,^m 80 \times 0,^m 30 = 0,^m 24$$

Superfície desperdiçada:

$$0,^m 236 - 0,^m 24 = 0,^m 12$$

Superfície de um dos triangulos do canto:  $0,^m 12 \div 4 = 0,^m 03$

7 ANNO

I—Um cylindro de ferro de  $0,^m 94248$  de circumferencia e  $0,^m 5$  de altura pesa  $275,^{\text{kg}}251284$ . Qual a densidade do ferro ?

*Solução raciocinada*

Raio do circulo, base desse cylindro:  $0,^m 94248 \div 2 = 0,^m 47124$

$$\text{Superfície: } (\pi R^2) = (3,1416 \times 0,^m 47124^2) \times \pi = 0,^m 20225$$

$$\text{Volume do cylindro: } 0,^m 20225 \times 0,^m 5 = 0,^m 101125$$

Trinta e cinco dm<sup>3</sup>. e 343 centímetros d'agua (corpo termo de comparação para avaliação da densidade dos dos solidos) pesam  $35,^{\text{kg}}343$ ; essa mesma porção de ferro que constitue esse cylindro pesa  $275,^{\text{kg}}251284$ .

Relação entre os dois pesos, densidade do ferro:  $\frac{275,^{\text{kg}}251284}{35,^{\text{kg}}343} = 7,788$

II—Tomei um cubo de  $0,^m 30$  de aresta e cortei-o de alto a baixo, em cruz, pelo centro da sua base superior. Quantos corpos ficaram, qual a fórmula e a superfície total de cada um ?

*Solução raciocinada*

Qualquer face do cubo é um quadrado. Dividida ao meio por dois traços em cruz, formam-se quatro quadrados cujo lado é a metade da aresta.

Lado dos quadrados, bases dos corpos resultantes dos dois cortes:  $0,^m 30 \div 2 = 0,^m 15$ .

A altura do cubo não se alterou. Os corpos que se originaram dos cortes teem, pois, a fórmula prismatica quadrangular e medem  $0,^m 30$  na altura e  $0,^m 15$  no lado do quadrado da base.

Superfície das duas bases:

$$(0,^m 15 \times 0,^m 15) 2 = 0,^m 0225 \times 2 = 0,^m 0450$$

$$\text{Superfície lateral: } (0,^m 15 \times 4) 0,^m 30 = 0,^m 6 \times 0,^m 30 = 0,^m 18$$

$$\text{Superfície total: } 0,^m 0450 + 0,^m 18 = 0,^m 2250$$

III—Compraram para fazer um trabalho uma extensão de fazenda igual á largura da mesma. Cortaram-na em diagonal, emendando-a com uma renda que augmentou  $0,^m 15$  em uma das dimensões. Collocaram em volta de todo o panno uma renda de  $3\$400$  o metro,  $2/5$  da qual foram gastos em franzido, tendo, assim, uma despesa de  $28\$900$ . Em quanto importou a fazenda comprada á razão de  $12\$500$  o metro ?

*Solução raciocinada*

Renda empregada em volta do panno:  $28\$900 \div 3\$400 = 8,^m 5$

Dois quintos dessa renda estão em franzido; correspondem ao perimetro do panno:

$$3/5 \text{ de } 8,^m 5 = \frac{8,^m 5 \times 3}{5} = \frac{25,^m 5}{5} = 5,^m 1$$

Esse perimetro não é todo de panno. De renda, já que, collocada em diagonal deu-lhe mais  $0,^m 15$  em uma das direcções, ha  $0,^m 15 \times 2 = 0,^m 30$

De panno, no perimetro, ha:  $5,^m 1 - 0,^m 30 = 4,^m 8$

Sendo quadrado o panno, o lado e, pois, o comprimento da fazenda comprada, mede:  $4,^m 8 \div 4 = 1,^m 2$

Custo desse panno, á razão de  $12\$500$  o metro:  $12\$500 \times 1,2 = 15\$000$ .

*Sebastiana de Figueiredo*

## PEQUENA HISTORIA DO BRASIL

por Francisco Vianna e Euclides Vianna

(Approvada e adoptada no Districto Federal e em varios Estados)

Acaba de sahir a 2ª Edição, correcta e melhorada deste interessante livrinho abundantemente illustrado e com varios mappas. As lições de historia propriamente dita, apresentada de forma muito simples, com os factos e as datas reduzidos ao minimo indispeusavel, são seguidas de leituras em que se narram lendas, factos anedoticos ou acções heroicas, que concorrem sobremaneira para despertar o interesse pela evolução de nossa patria.

Editora — Livraria Francisco Alves

Elixir  
de

# INHAME



Impurezas do sangue,  
molestias da pelle,  
syphilis adquirida  
ou hereditaria.

**DEPURA - FORTALECE - ENGORDA**

Tão saboroso como qualquer  
licor de mesa

Lic. em 17-10-914 sob o N.º 233

Chocolate e café só

## ANDALUZA

### FABRICA

RUA DOS ANDRADAS

Rio de Janeiro

## LUVAS

Meias, leques finos, grampos da moda e novidades, não se deve comprar sem ver os preços da

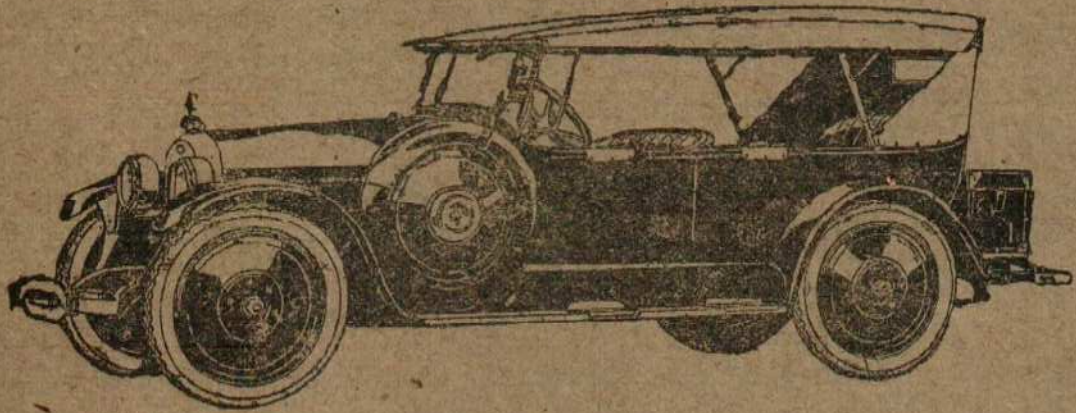
Ouvidor, 178



## Casa Cavanellas

# «NASH» o carro ideal

Notável pela sua beleza, força, commodidade, duração e economia.  
O carro NASH é o que mais convem para o serviço da praça, não só pelas suas qualidades  
como pelas vantagens que oferece aos chauffers e particulares  
VENDA A LONGO PRAZO

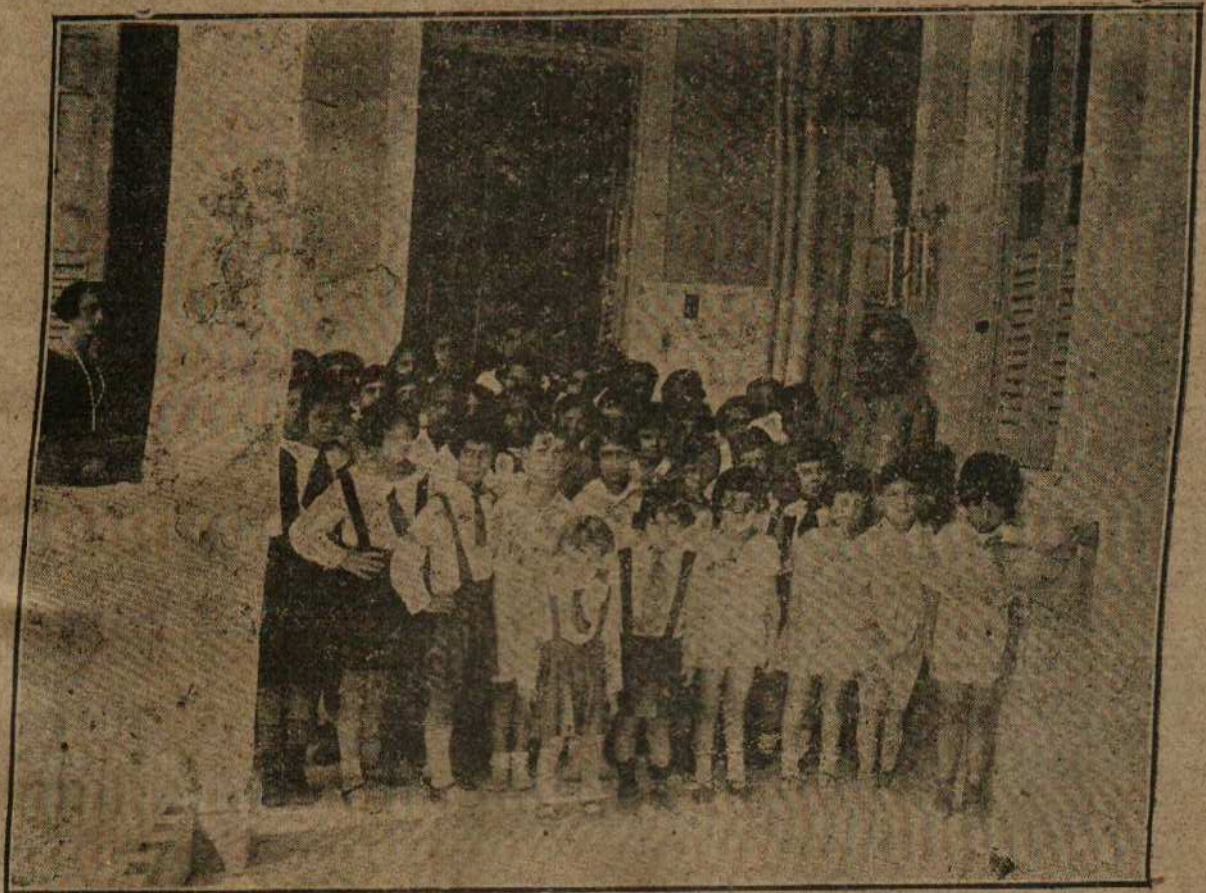


AUTO GERAL  
COMPANHIA COMMERCIAL E MARITIMA  
RUA BENEDICTINOS, 1 a 7 — (Esq. da Av. Rio Branco) RIO DE JANEIRO

---

Todos os professores pódem colaborar na grande campanha da tuberculose, exigindo, em sua escola o uso da escarradeira HYGEA, de limpeza hydro utomatica sem intervenção manual.

Queiram assim comprehender os nossos professores que muito contribuirão para a formação das gerações futuras.



Collegio Cardeal Arcoverde, Rua S. Christovão, n. 71, usa a Escarradeira "Hygea"

# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

Rua Libero Badaró, 129

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1052

FAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

## HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$600
2.º Livro de Leitura.....	1\$000
3.º Livro de Leitura.....	1\$000
4.º Livro de Leitura.....	1\$000

## THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia.....	\$600
2.º Livro de Leitura.....	1\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500

## EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	3\$500
5.º Livro de Leitura.....	3\$500

## SÉRIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica.....	1\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	2\$500

## ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$000
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

## FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura...	1\$200
Cartilha.....	1\$800
Leitura preparatoria.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000

## JOÃO KOPKE

Livro de Leitura.....	2\$000
1 Livro de Leitura.....	2\$500
2 Livro de Leitura.....	2\$500
3 Livro de Leitura.....	3\$500
4 Livro de Leitura.....	4\$000
5 Leitura Praticas.....	2\$000
Fabulas (em verso).....	1\$500

## D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2.º anno.....	2\$500
Leitura para o 3.º anno.....	2\$500
Leitura para o 4.º anno.....	3\$000

## D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$000
3.º Livro de Leitura.....	2\$500
4.º Livro de Leitura.....	3\$000

## JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	3\$000
Selecta Classica.....	4\$000

## ASSIS CINTRA

Pequenas Historias.....	2\$500
-------------------------	--------

## O. BILAC e M. BOMFIM

Atravez do Brasil.....	4\$500
Leitura complementar.....	4\$000
Livro de composição.....	4\$000

## CARMEN GILL

Instrução Civica.....	1\$000
-----------------------	--------

## ALTINA DE FREITAS

Cartilha.....	2\$000
---------------	--------

## ANNA CINTRA

Ensino Completo de Leitura...	1\$500
-------------------------------	--------

## A. JOVIANO

Primeira Leitura (para crianças)	2\$000
Primeira Leitura (para adultos)	2\$000
Lingua Patria - 1.º Livro.....	4\$000
“ “ - 2.º Livro.....	5\$000
“ “ - 3.º Livro.....	5\$000

## MAR' A DO CARMO P. NEVES

Exercicios de Linguagem - (1.º, 2.º e 3.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem - (4.º e 5.º annos).....	4\$000
Exercicios de Linguagem (6.º e 7.º annos).....	4\$000

## MANOEL BOMFIM

Primeiras Saudades.....	4\$000
Crianças e Homens.....	3\$000

## E. DE AMICIS

Coração.....	2\$000
--------------	--------

## AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente...	2\$500
------------------------------	--------

## BILAC e C. NETTO

Contos Patrios.....	3\$500
Patria Brasileira.....	3\$500
Theatro Infantil.....	2\$500

## ALBERTO DE OLIVEIRA

Céo, Terra e Mar.....	3\$5000
-----------------------	---------

Remmetemos nosso catalogo gratis, para todo o Brasil